

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A COMÉDIA (PARTE II)
- A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE
25 de Setembro de 2020

HAPPY-GO-LUCKY / 2008
(Um Dia de Cada Vez)

Um filme de Mike Leigh

Realização e Argumento: Mike Leigh / Direcção de Fotografia: Dick Pope / Direcção Artística: Mark Tildesley, Patrick Rolfe e Denis Schnegg / Guarda-Roupa: Jacqueline Durran / Música: Gary Yershon / Som: Tim Fraser / Montagem: Jim Clark / Interpretação: Sally Hawkins (Poppy), Eddie Marsan (Scott), Alexis Zegerman (Zoe), Andrea Riseborough (Dawn), Sinead Matthews (Alice), Sylvestra Le Touzel (Heather), Joseph Kloska (namorado de Suzy), Samuel Roukin (Tim), Caroline Martin (Helen), Oliver Maltman (Jamie), Karina Fernandez (professora de flamenco), etc.

Produção: Film 4 / Produtor: Simon Channing Williams / Cópia em 35mm, cor, falada em inglês com legendas em português / Duração: 118 minutos / Estreia em Portugal: Fevereiro de 2009.

Mike Leigh, que com Ken Loach forma o mais conhecido par de representantes daquilo a que para o bem e para o mal ficou conhecido como o “realismo britânico”, gosta de introduzir um pouco de leveza, às vezes até uma certa “nonchalance”, num obra maioritariamente consagrada à descrição de diferentes aspectos da sociedade britânica e, em especial, das vidas das “working classes”. **Happy-Go-Lucky**, um dos momentos em que essa leveza mais felizmente se registou, veio na sequência de um dos mais pesados filmes de Leigh, **Vera Drake** (estreado em 2004), que recuava à década de 1950 para filmar a história de uma abortadeira clandestina nos mais cinzentos e depauperados bairros da capital inglesa.

E que diferença desse filme para **Happy-Go-Lucky**, a começar logo nas imagens que acompanham o genérico inicial (Poppy, a protagonista, viajando alegremente na sua bicicleta pelas ruas do centro de Londres) e que imediatamente nos transportam para uma cidade diferente, para um tempo diferente e, sobretudo, para um retrato de mulheres diferentes. Se Leigh pensou nalgum tipo de “raccord” com o filme precedente, foi bem pensado, e se não pensou, foi bem pensado na mesma. Este é um dos seus filmes mais felizes, ou pelo menos um dos seus filmes mais instalados numa superfície de bonomia – nem demasiado dramática nem demasiado alegre – que não deixa de reflectir (continuando a fazer o exercício mental de nos pormos no lugar do espectador de 2008 que tinha **Vera Drake** como memória mais recente de Leigh) tudo o que mudou e tudo o que se conquistou.

Sobretudo na vida das mulheres inglesas, as grandes protagonistas de um filme que lhes é quase por inteiro dedicado (a personagem masculina mais relevante é o instrutor de condução interpretado por Eddie Marsan, e as periódicas cenas das aulas que dá a Poppy são, de algum modo, pequenas âncoras que agarram o filme ao chão e os únicos

momentos em que se constrói uma outra perspectiva sobre a protagonista interpretada pela excelente Sally Hawkins). Mutatis mutandis, e não tão caricaturalmente quanto isso, **Happy-Go-Lucky** é como uma versão londrina e “working class” (ou, vá lá, “middle class”, embora essa seja uma fronteira social ténue) de objectos tão populares como a série americana **Sex and the City**, com a galeria de personagens femininas a funcionar como um ponto de vista não são para o estatuto das mulheres na sociedade mas também, e de forma muito “interior”, para o modo como essas mulheres observam e vivem a sociedade.

Nesse sentido, é tudo menos uma lição de moral – embora, na cena mais áspera de todo o filme, a da “explosão” do crescentemente frustrado instrutor de condução, algo parecido com uma “lição” apareça, ficando apenas por provar que Poppy dela extraía algum tipo de “moral”: o plano final, ela e a amiga no passeio de barco, filmado longe de mais para que se captem as expressões faciais, indicia que ela continuará como sempre a vimos, “happy go lucky”. Na vertente “estudo de personagem” que o filme também é, Poppy aparece como uma espécie de super-heroína, tornada inexpugnável pelo optimismo com que encara tudo; e é no ponto em que esse permanente optimismo se pode tornar uma forma de indiferença (como assinalado na tal cena com o instrutor) que o retrato da personagem se complexifica. Quem diz super-heroína diz heróina do burlesco: Poppy não é especialmente desastrosa nem traz o caos consigo (só o seu caos interior) mas tem uma dinâmica, e uma invulnerabilidade, que tem alguma coisa a ver com o burlesco ou com (é ver a sua propensão para o “ad lib” em qualquer situação) a “stand up comedy”, extraindo sempre um comentário jocoso de qualquer circunstância – ver, por exemplo, duas das mais divertidas cenas do filme, a da visita ao massagista e a da aula de flamenco (esta, especialmente, construindo um arremedo de “comédia física” que se coaduna bastante com o que dissemos nestas últimas linhas).

É, portanto, uma espécie de exame e observação de uma “filosofia” pessoal, que Mike Leigh encara com distância e cumplicidade, tom difícil de manter mas que – proeza maior do filme – é sempre bem mantido. E no fim, Poppy lá vai, vivendo (como diz o título português) “um dia de cada vez”.

Luís Miguel Oliveira